



Volume 15, número 1, ano 2019.

COMO ENSINAR A HISTÓRIA AFRICANA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL? Reflexões sobre o projeto História Cruzadas do Ministério da Educação (MEC)

Alan Ricardo Duarte Pereira¹
Márcia Macedo Alves²

Resumo: A proposta de educar para as relações étnico-raciais no Brasil iniciou-se no século XX com as reivindicações do Movimento Negro, mas se concretizou, de fato, com a resolução da Lei 10.639/03 destinada à educação básica que buscou promover o reconhecimento e a valorização dos diversos grupos e etnias que fazem parte do país. Verificou-se, assim, publicações de livros e projetos voltados, na maioria das vezes, para a educação superior e a formação de professores (como, por exemplo, a coleção História Geral da África de 2010). No entanto, o mesmo não se observou em relação à educação básica, sobretudo a educação infantil. Em face disso, o Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) elaborou, em 2014, uma obra voltada exclusivamente para a educação infantil: “A História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil” (HACABA). Tal projeto procurou trabalhar as relações étnico-raciais e a cultura africana e afro-brasileira no âmbito da educação infantil. Sendo assim, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, o presente artigo problematiza o respectivo documento e analisa as tendências do ensino das relações étnico-raciais na educação básica.

Palavras Chave: Relações étnico-raciais. História da Educação. África.

Abstract: The proposal of education for ethnic-racial relations in Brazil began in the resolution of Law 10.639 / 03 aimed at basic learning and sought to promote the discovery and appreciation of groups and actions that were part of the country. Books and projects have therefore been reviewed, mostly for higher education and teacher training (for example, a 2010 General History of Africa collection). However, the same is not true for basic education, especially early childhood education. As a result, in 2014, the Ministry of Education (MEC), in partnership with the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), developed a work exclusively focused on children's education: and Afro-Brazilian education in children's education "(HACABA) . This is work in the context ethnographic and racial and African culture and Afro-Brazilian in context of infantile. Thus, through bibliographical and documentary research, the present article problematizes the respective document and analyzes the trends of ethno-racial teaching in basic education.

¹ Doutorando em História pela UFG. Doutorando em História pela UFG. Bolsista da CAPES. alanricardoduarte@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). marciaalvescoimbra@hotmail.com



Volume 15, número 1, ano 2019.

Key words: Ethnic-racial relations. History of Education. Africa.

1. INTRODUÇÃO

Ao deparar com o tema das relações étnico-raciais dentro do contexto da educação percebemos que, no âmbito da literatura específica e nas mídias sociais (jornais, *Facebook*, *YouTube*, entre outros), há uma prevalência de estudos enfatizando as relações étnico-raciais na educação superior e, não raro, no ensino médio. Embora se observe uma notável produção no campo da literatura infantil que, direta e/ou indiretamente, tratam da cultura africana, o mesmo não se verifica na produção de um material específico que trata das questões étnico-raciais para a educação infantil. Diante dessa ausência de materiais didáticos para a educação básica, em 2014 o Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou a obra “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil”.

O livro “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil” foi elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do projeto “História Cruzadas” e sugere aos professores da educação infantil trabalhar com projetos que transmitem de forma positiva os conceitos de relação e respeito à diversidade étnico-racial. Dessa forma, o livro apresenta as relações étnico-raciais em duas linhas: “Projeto Espaço Griô” e o “Projeto Capoeira”. Há, portanto, uma ênfase no desenvolvimento de atitudes de respeito a partir de elementos da oralidade, corporeidade, musicalidade, ritmo e a sociabilidade. Procura-se ressaltar a cultura africana e afro-brasileira e, por conseguinte, fomentar o respeito à diversidade cultural. Longe de ser uma proposta complexa e cheia de termos técnicos, os dois projetos incluem, respectivamente, a prática como elemento de aprendizagem. É por meio da música, oralidade, ritmo que poderá se aprender sobre a cultura africana, suas características e a diversidade cultural presente no Brasil.

Nesse sentido, o livro “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil” chama a atenção para que os (as) professores (as), a comunidade e os demais



Volume 15, número 1, ano 2019.

profissionais da educação se envolvam com essa temática. Trata-se, portanto, de encetar as relações étnico-raciais que, na compreensão de Verrangia e Silva (2010, p.710), pode ser entendida como processos educativos que superam o preconceito racial e estimulem, com isso, práticas sociais de promoção da diversidade cultural. Trabalhar relações étnico-raciais é, portanto, um processo que “[...] favoreça que negros e não negros construam uma identidade étnico-racial positiva”.

Para tanto, segundo Brasil (2014), os professores em sala de aula ao trabalhar questões sobre as relações étnico-raciais se torna elementar envolver, ao mesmo tempo, a comunidade e a família para desenvolver práticas pedagógicas promotoras da igualdade étnico-racial. Desse modo, é importante apresentar a cultura africana e afro-brasileira nas instituições de educação infantil como parte importante da formação da criança. Quer dizer, trabalhar essa temática em sala de aula faz com que a criança entre em contato com a cultura africana e, sobretudo, entender a noção de diversidade cultural.

Por meio de pesquisas realizadas nas instituições de educação infantil, a investigadora Cavalleiro (2012) afirma que nesta fase já se encontra crianças negras com identificação negativa em relação ao seu grupo étnico cultural. Em contrapartida, a autora afirma a percepção de crianças brancas assumindo posturas de superioridade. Sendo assim, ao se trabalhar as relações étnico-raciais na educação infantil é fundamental que, no processo educativo, promova a interação e a positivação das diversidades raciais e culturais de cada criança.

Segundo Silva (2010), apesar de ter direito constitucional a igualdade, uma grande parte da população vive em estado de precariedade, desprovidos do básico humanitário e a maior parte dessa população são constituídas por afro-brasileiros. De acordo com Soares (2013, p.61), a recente produção de alguns “materiais didáticos”, que traz estudos sobre a “diversidade étnica e à pluralidade cultural”, pouco se debate a História da África e a cultura afro-brasileira. De tal maneira que, o tema o mais citado e elencado nestes materiais, são referências à escravidão africana do século XV realizada pelos portugueses. Deixa-se de lado o que aconteceu no continente africano antes da chegada dos portugueses para enfatizar, única e exclusivamente, a escravidão como marca destes povos. Assim, recria-se uma narrativa



Volume 15, número 1, ano 2019.

histórica de “superiores e inferiores” e não propõe um estudo sistemático do continente africano, sua cultura e os processos internos que se estabeleceram antes da conquista portuguesa. Diante disso, Soares (2013) argumenta dizendo que, por si só, a Lei 10.639/03 não é suficiente para mudar a realidade. De fato, para que a lei possa valer de fato é preciso a ação humana, requerem educadores preparados e despidos de conceitos e preconceitos afim de uma prática educacional que transcende o âmbito escolar.

Nesse sentido, o livro “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil”, objetiva contribuir com os sistemas de ensino para a inserção de conteúdos que relacionem a história e a cultura da África e dos afro-brasileiros no currículo da educação básica. Em linhas gerais, é uma tentativa de compreender a África internamente, ou seja, o ponto de partida é a própria África com suas características. Valorizar a dinâmica interna do continente africano abre portas para desmistificar os conceitos tradicionais de “escravidão” e “dominação”. Sendo assim, o livro “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil”³, relata a importância de se trabalhar efetivamente à história da África e afro-brasileira, construindo assim valores e respeito pela diversidade de etnias e culturas que compõe o nosso país. Desse modo, a escola passa a ser o espaço privilegiado para se trabalhar as relações étnico-raciais, pois, segundo Praxedes (2010, p.48), o tempo em que as pessoas passam na família – ou na comunidade religiosa – é muito menor comparado ao tempo da vida escolar. Além disso, a sociabilidade e a convivência no espaço escolar tende, em maior ou menor grau, a expandir-se para outras esferas da vida social. Portanto, é na escola que “[...] se deve iniciar a nossa formação para a convivência com o outro não-idêntico, o diferente. A escola deve ser exemplo de como queremos que seja a convivência nas outras esferas da vida social”.

Ademais, reconhecemos que por meio da educação podem-se desenvolver atitudes e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, à sua cultura e à sua história, contribuindo para sua valorização e a diminuição do processo de exclusão social e incorporação do preconceito pelas crianças nas instituições de educação. Vale lembrar, assim, que o termo educação é polissêmico e carrega variações de significados de acordo com a

³ Doravante será abreviado para HACABA.



Volume 15, número 1, ano 2019.

perspectiva teórico-metodológica. Aqui compreendemos educação a partir dois sentidos: a educação (*educare*) como ato de cuidar, alimentar, ensinar e educação (*educere*) como ato de conduzir para fora. Portanto, educação é um processo que envolve o ensinamento de conhecimentos formais e a conformação dos indivíduos às regras. Conforme esclarece Pereira e Cabral (2018, p.147), “[...] entende-se que o termo educação se refere, em primeiro lugar, ao ato de alimentar, cuidar, criar (*educare*) e também como um processo de conduzir para fora, tirar para fora e modificar de estado (*educere*)”. Por outro lado, o autor Libâneo (2010, p.72) esclarece que esses termos desembocam na conceituação mais clássica sobre o processo de educação: transformação e/ou adaptação dos indivíduos aos comportamentos e regras sociais. Em face disso, quando se fala em educação para relações étnico-raciais significa que, durante o processo de sociabilidade do indivíduo (*edurece*) e quando está conhecendo o mundo e suas regras, possa compreender a diversidade cultural e, com isso, criar atitudes de respeito ao outro.

2 A OBRA “HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA SE TRABALHAR AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nos últimos anos, é inegável que a legislação sobre as relações étnico-raciais, os movimentos sociais e os debates acadêmicos aumentaram significativamente. Basta citarmos a promulgação da Lei nº 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que torna obrigatória a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. No entanto, mesmo com essas duas legislações, falta, quase sempre, material que contemple as particularidades culturais e econômicas do Brasil. Para tanto, o MEC vem desenvolvendo nas últimas décadas materiais didático-pedagógicos (como projetos, livros, formação continuada) e subsídios aos professores e demais profissionais da educação. Nesse contexto, a educação infantil ganha destaque, já que é nessa fase – de 0 a 5 anos – que a criança começa a ter as primeiras noções de respeito ao próximo e passa, pouco a pouco, a construir sua identidade.



Volume 15, número 1, ano 2019.

Afinal, como se trabalhar com as relações étnico-raciais na educação básica? É o que a obra produzida pelo MEC em parceria com a UNESCO tenta responder. Segundo os organizadores, a proposta do livro busca, em primeiro lugar, “[...] contribuir com os sistemas de ensino para a inserção de conteúdos que relacionem a história e a cultura da África e dos afro-brasileiros no currículo da educação básica.” (BRASIL, 2014, p.7). No fundo, o que a obra pretende é, basicamente, lançar mão de uma premissa: o problema do preconceito racial pode ser sanado, entre outras coisas, por meio de uma educação de qualidade e professores comprometidos com uma educação de direitos para todos. Isso fica evidente na epígrafe que aparece no início da obra do militante africano Nelson Mandela⁴: “A educação é a arma mais forte que você pode usar para mudar o mundo”.

Nesse interim, a obra analisada introduz uma reflexão da necessidade da formação dos professores em relação às questões étnico-racial e apresenta, por sua vez, dois projetos pedagógicos com temas da cultura africana e afro-brasileira, a saber: o Projeto Griô e Projeto da Capoeira. Sendo que estes dois projetos têm por objetivo despertar nos/nas alunos/as da educação infantil, o interesse de conhecer e explorar palavras, canções, texturas, cores, danças, histórias e a arte. São temas que possibilitam aos professores de educação infantil trabalhar com o tema da pluralidade cultural e o respeito ao outro. Assim, incluí como pauta o envolvimento da comunidade escolar, os alunos e, principalmente, a sociedade.

A obra chama atenção para o fato que o preconceito não é uma “coisa de adulto”. Quer dizer, somente em espaços públicos ocupados pelos adultos é que verificamos a existência de preconceitos e discriminação racial. Ao contrário, qualquer forma de preconceito tem seu embrião nos primórdios da educação da criança, seja através de exemplos dos pais ou aquilo que elas/eles vivenciam cotidianamente. Ao mesmo tempo, a obra “HACABA” aponta que alguns professores têm atitudes racistas, muitas vezes devido a fatos ocorridos em suas trajetórias escolares, déficit na formação e pouco contato com as discussões sobre relações étnico-raciais. Para tanto, a obra “HACABA” sugere abarcar as crianças, os

⁴ Nelson Mandela (1918-2013) é uma das figuras mais inspiradoras do século XX e se destacou pela luta contra o apartheid na África do Sul. Além disso, recebeu em 1993 o Prêmio Nobel da Paz.



Volume 15, número 1, ano 2019.

professores e a família na discussão das relações étnico-raciais⁵. Ou seja, foge do estereótipo que preconceito racial é “coisa de adulto” e, ao mesmo tempo, chama a atenção para o fato que a família precisa se envolver no ensino das relações étnico-raciais. Como forma de operacionalizar isso, sugere dois projetos pedagógicos que podem ser trabalhado com crianças de 0 a 5 anos e que envolve toda a comunidade escolar, as famílias e demais responsáveis pela a educação. Ambos os projetos, Griô e Capoeira, constituem o pilar do livro e, em certo sentido, funcionam como meio de trabalhar a noção de diversidade e a cultura africana.

2.1 O Projeto Capoeira: uma proposta de educação para relações étnico-raciais na educação infantil

A primeira proposta da obra “HACABA” para se trabalhar a cultura afro-brasileira e africana é a capoeira. A capoeira faz parte da cultura africana, pois é um jogo de roda que se usa o próprio corpo. Segundo Araújo (2015), a capoeira foi historicamente utilizada também como arma de proteção dos escravos que fugia para se defenderem dos capitães do mato e foi proibida por trazer elementos da cultura africana. Por outro lado, mais contemporaneamente voltou como proposta educacional na obra do MEC, na qual pode se trabalhar a educação inclusiva na luta contra as desigualdades sociais, sejam ela étnicas, de gêneros e religiosas.

Em termos gerais, o projeto capoeira visa levar para a educação infantil, a musicalidade, os jogos corporais e brincadeiras que estimulam a criança a exercitar a mente. Ao se trabalhar a capoeira na escola, o professor estará trabalhando as habilidades e a capacidade de interpretação e organização do aluno. Para desenvolver o projeto capoeira é preciso que o professor conheça a origem desse jogo cultural e transmita ao/a aluno/aluna

⁵ Além disso, ao elaborar a obra para a educação infantil, o MEC não fez forma isolada. Em outras palavras, publicando tal obra buscou, entre outras coisas, contribuir para com “[...] a institucionalização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e também com o desenvolvimento do Plano Nacional de Implementação dessas Diretrizes”. (BRASIL, 2014, p.8).



Volume 15, número 1, ano 2019.

como essa dança é fundamental na compreensão da cultura africana e afro-brasileira. Ao mesmo tempo, organize espaços/ambientes adequados para a faixa etária das crianças da educação infantil e que seja, aliás, um espaço seguro com acessibilidade de movimentos e deslocamentos.

Na obra produzida pelo MEC, optou-se por abordar a capoeira sob um prisma que mostrasse a participação da cultura afro-brasileira na formação dessa dança e, com isso, desenvolvesse atitudes de respeito e valorização da diversidade cultural. Não é somente um pretexto para falar da África e da cultura afro-brasileira, mas ensinar aos educandos que o Brasil carrega elementos africanos. Melhor dizendo, o Brasil e a África estão ligados diretamente do ponto de vista cultural, sendo difícil demarcar onde começa uma cultura e termina a outra.

Nesse sentido, o Projeto Capoeira foi abordado na respectiva obra em três sentidos: “como resistência, como esporte e como processo de formação”. Além disso, tratou de enfatizar com a capoeira a questão da corporeidade, a sociabilidade e a musicalidade, compreendendo que esses aspectos se ajustam à realidade da educação infantil. Em termos mais práticos, a aplicação do projeto acompanhou o levantamento dos conhecimentos prévios dos/as educandos/as acerca da capoeira, como trabalhar essa proposta para crianças de 0 até 3 anos e também as crianças de 4 à 5 anos, sugestões de músicas, históricas e brincadeiras.

A “capoeira como resistência” é entendida assim por representar uma forma dos africanos e afro-brasileiros combaterem, ao longo dos anos, a imposição da cultura europeia. Assim, a música que é tocada, a letra e os movimentos sinalizavam os elementos culturais do continente africano. Do ponto de vista histórico, a capoeira se tornou um símbolo de resistência no Brasil durante os séculos XVIII e até os dias atuais é usada como resistência cultural.

Por outro lado, “a capoeira pode ser entendida como um esporte”, isto é, possibilita o desenvolvimento físico e intelectual e trabalha elementos do corpo. Ainda segundo (Araújo, 2015), o reconhecimento da capoeira como esporte no Brasil se deu tardiamente por volta do século XX com o governo de Getúlio Vargas. Deixou de ser proibida e se tornou um esporte nacional. O importante a destacar nesse aspecto é



Volume 15, número 1, ano 2019.

[...] capacidade de adaptar-se ao ambiente em que se encontra, como um camaleão. Essa característica está presente no jogo e constitui um princípio da prática e da experiência de capoeiristas. A capoeira angola ganhou contornos de academia, com mais interesse na transmissão do saber, com um tipo de ensino mais sistematizado, com apresentações em espaços abertos e com maior controle. (BRASIL, 2014, p.91)

Outro elemento da capoeira é, sem dúvida, sua importância “no processo de formação do ser humano”. Quer dizer, a capoeira contribui significativamente para entender uma cultura através de sua prática, pois contém toda expressividade e vida da cultura africana e afro-brasileira. Nesse contexto, vale perguntar: o que se pode aprender da cultura africana e afro-brasileira na educação infantil utilizando da capoeira? A obra “HACABA” tenta responder isso apontando para três elementos que a capoeira permite desenvolver: a corporeidade, a sociedade e a musicalidade. Tais elementos estão interligados e ajudam na compreensão da cultura africana.

[...] o princípio fundamental está na *redescoberta* da expressividade afro-brasileira que se transmite por meio da movimentação, da música e do jogo. É a observância de princípios éticos que distingue a capoeira de outras práticas de luta. Uma descrição das artes marciais situa três características evolutivas demonstradas em todas as épocas: a primeira é a defesa seguida do ataque; a segunda, a defesa e o ataque simultaneamente; e a terceira é composta apenas do ataque, sem a necessidade de defesa [...]. (BRASIL, 2014, p.92).

A corporeidade na capoeira assume uma dimensão que extrapola a questão meramente física. O corpo assume importância porque é entendido como manifestação dos comportamentos e valores culturais. O movimento é, nesse sentido, uma própria representação a cultura que nunca está estática, como também um símbolo da vida. Assim, na educação infantil esse elemento será incorporado na medida em que “[...] explorar as



Volume 15, número 1, ano 2019.

possibilidades de gestos, movimentos e expressões corporais das crianças na educação infantil. Reconhecer o próprio corpo é o primeiro passo na construção de um esquema corporal que colabore para situar a criança no mundo”. (BRASIL, 2014, p.93).

Nesta perspectiva, percebe-se que o projeto da capoeira é uma forma de sociabilizar os indivíduos e, ao mesmo tempo, de interagir independente de cor ou etnia. Também é uma maneira de desenvolver o ensino aprendizagem das crianças buscando o respeito aos outros e a si mesmo e também respeitando o limite do próprio corpo. Brasil (2014, p 94) demonstra que “[...] forma de aprendizagem e o desenvolvimento das regras e princípios consistem na produção de uma conduta própria dos praticantes do jogo, e definem o que é ser um bom capoeirista”.

Há, portanto, alguns elementos que ajudam na sociabilidade através da capoeira: lealdade, respeito aos mais velhos, saber ouvir e observar, relação adulto/criança, relação criança/criança. Por fim, a obra “HACABA” aponta o conceito de musicalidade como essencial na capoeira. Deste modo Brasil (2014, p.94) afirma que “Na capoeira, o corpo é linguagem, mas a linguagem não se resume ao movimentado corpo. A conjugação é mais ampla e envolve um elemento muito significativo na cultura de matriz africana: a música, tanto o instrumento quanto o canto”.

2.2. Contando histórias: o Projeto Griô e a riqueza da oralidade.

Nessa parte da obra, o projeto “HACABA” aposta em trabalhar as relações étnico-raciais e a diversidade cultural a partir da oralidade e, para isso, lança mão do Projeto Griô. Mais do que isso, introduzir esse projeto na obra significa valorizar um elemento-chave da cultura africana e afro-brasileira: a oralidade. Portanto, se o Projeto Capoeira contemplou a musicalidade, a corporeidade e o processo de formação ético e político através da dança, aqui se trabalha basicamente a riqueza da cultura a partir da oralidade. Vale lembrar, no entanto, que esse projeto não valoriza a língua oral em detrimento da língua escrita, mas compreende



Volume 15, número 1, ano 2019.

que, do ponto de vista cultural e intelectual, há diferenças significativas em cada uma dessas modalidades de comunicação.

De fato, podemos perceber no projeto “HACABA” certa crítica à cultura ocidental que valoriza a língua escrita e que, por muito tempo, ignorou a história africana por se basear na língua oral. Em face disso, o projeto esclarece o que venha a ser o griô, o que aprender com as contações de histórias, a importância da história da família, significado de palavras no português com influência da cultura africana, o conceito de ancestralidade, memória e diversidade cultural. A primeira preocupação do projeto é esclarecer a etimologia da palavra griô. Significa que

[...] palavra *griô* é de origem francesa, e traduz o termo da língua africana *banamandjeli (jélioudjeli)*, que significa “o sangue que circula”. Essa língua tem sua origem no antigo Império do Mali, hoje dividido em vários países do noroeste da África¹. A palavra *griô* designa os contadores de histórias, genealogistas, mediadores políticos, contadores, cantores e poetas populares que vivem em alguns países africanos, no Sudão e em parte da zona guineense. (BRASIL, 2014, p.33)

Ademais, os griôs podem ser classificados em três tipos: os griôs músicos que tocam instrumentos, os griôs embaixadores que mediam conflitos familiares e os griôs genealogistas que narram história de viajantes. A África é um país que tem a oralidade como um dos principais meios de comunicação. Os griôs são contadores de histórias que transmitem conhecimentos e fatos históricos e religiosos por meio da oralidade que passa de geração para geração. Soares (2013) relata que

A oralidade dessas sociedades desenvolve a memória e fortalece a ligação entre homem e palavra. A fala é considerada divina, pois é a força criadora. A tradição oral africana não se limita a narrativas lendárias ou mitológicas e está ligada ao comportamento cotidiano das pessoas e da comunidade e aos fatos históricos que marcaram a vida de um povo. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação. (2013, p.74-75).



Volume 15, número 1, ano 2019.

Percebe-se, com efeito, que a palavra griôs tem muitos significados e traz como proposta mostrar a cultura africana e a riqueza da oralidade. Assim, cantigas, parlendas, lendas e contos funcionam como instrumentos para transmitir, a partir de dinâmicas e brincadeiras, um espaço propício para pensar a cultura e a importância da ancestralidade. Este projeto tende a contribuir para a socialização entre os povos e também para transmissão de cultura, e conhecimento de uma nova forma de ver os afro-descendente, ainda tende a melhorar a auto-estima dentro do contexto escolar por meio de atividades diferenciadas que busca dar qualidade vida para todos. Por meio do despertar da imaginação e da criatividade. Sendo assim,

O trabalho com o Projeto Espaço Griô, inspirado na tradição oral africana, poderá contribuir para que os professores da educação infantil compreendam um pouco mais sobre o poder da oralidade na sociedade africana e aprendam a explorá-la no contexto brasileiro e naquele em que as instituições se encontram. Essa reflexão é importante para a orientação da relação pedagógica com as crianças pequenas e suas famílias já que, nesta etapa da educação básica, a oralidade se apresenta como uma forma marcante de expressão, comunicação, transmissão de valores e ensinamentos. (BRASIL, 2014, p.36).

Dentro das faixas etárias, o Projeto Griô oferece variadas atividades e, ao mesmo tempo, uma multiplicidade de conhecimentos para as crianças se desenvolverem, com criatividade e tendo a oportunidade de expor suas ideias e vontades, explorando, assim, um novo contexto e informações diversificados dentro do contexto cultural e social em que está inserido. Portanto, poderão aprender “[...] a se colocar no coletivo, escutando atentamente seus colegas e respeitando a vez em momentos coletivos; participar de atividades que envolvam confecção de objetos [...]” (BRASIL, 2014, p.42).

Vale lembrar que, dentro do Projeto Griô, retoma-se a ideia que é fundamental conhecer o que a criança já sabe sobre determinado assunto. Da mesma forma que foi aplicada no Projeto Capoeira, aqui a obra “HACABA” inseriu novamente essa questão, pois entende que trabalhar com a cultura africana e afro-brasileira requer, antes de qualquer coisa,



Volume 15, número 1, ano 2019.

conhecer os conceitos e valores que as crianças carregam – seja esses preconceituosos ou não – para, a partir disso, introduzir a discussão das relações étnico-raciais.

Dentro do proposto pelo Projeto Griô há muito para ser trabalhado e ensinado às crianças de todas as faixas etárias, principalmente para as crianças de 0 a 3. A primeira proposta chama-se “Ancestralidade”, a qual objetiva desenvolver na criança o auto reconhecer-se, ou seja, ela perceber sua importância para o meio em que ela e positivar sua identidade.

Nesta etapa, as crianças serão estimuladas a reconhecer a si mesmas e a perceber seus colegas de grupo, identificando-os por seus nomes e características físicas. Tal reconhecimento envolverá a oralidade e a percepção visual, para tanto, serão usadas fotografias das crianças, conversas e cantigas. As fotografias podem ser coletadas junto aos familiares, no momento em que tomarem conhecimento do Projeto, numa reunião ou em conversas informais quando visitam a escola. (BRASIL, 2017, p.45).

Outra proposta importante dentro do Projeto Griô são as contações de histórias africanas. Tratando de um contexto histórico que promova conhecimento por meio de lendas e fatos reais, a contação de histórias traz um mundo de fantasia e desperta na criança sua imaginação. Portanto, contribuiu para se pensar as diferenças culturais, a fantasia e a afetividade do educando. Segundo Brasil, (2014, p. 51) “Nesta atividade, o desafio será organizar um espaço aconchegante para crianças pequenas ouvirem e brincarem com as mais diversas narrativas [...]”. Ainda neste sentido pode se utilizar de vários utensílios para tornar o local mais real e agradável aos olhos da criança. Brasil (2014, p.51-52) ainda menciona que “Os professores poderão utilizar panos coloridos, tapetes, almofadas, colchões, enfim, tudo que ajudar a criar um lugar dedicado à contação de histórias”.

Outra proposta do Projeto Griô se refere à origem das palavras e seu significativo. A atividade “A memória da palavra” busca, portanto, trabalhar a influência da cultura africana em nosso cotidiano, como, por exemplo, a língua e a comida. Uma prática muito comum usada na cultura brasileira é a prática de apelidos que faz parte da cultura africana, que deve



Volume 15, número 1, ano 2019.

ter uma atenção por parte do/a professor/a e da família, pois pode ser interpretado como racismo. Há apelidos que demonstram preconceito e depreciam a identidade pessoal de crianças, jovens e adultos. Nesse sentido, o Brasil tem um “patrimônio cultural” riquíssimo e grande parte desse patrimônio é herança da cultura africana, tendo um vocabulário com uma gama de palavras, qual enriquece nosso idioma. Assim,

[...] compreendam a riqueza do legado africano nos modos de falar o português do Brasil, bem como ampliar repertórios e vocabulários. Propõe-se atividades que favoreçam o estudo de palavras e seus significados e a compreensão de que aquilo que se usa para comunicar carrega a história de muitos povos. Sugere-se que os professores disponham para esse trabalho de dicionários e da publicação “Memória das palavras”, organizado por Ana Paula Brandão, do Projeto A Cor da Cultura, SEPPIR/MEC e Fundação Roberto Marinho (BRASIL, 2014, p.77).

Para desenvolver melhor o projeto, o/a professor/a precisa criar condições por meio de atividade, ou seja, jogos, quebra cabeça, entre outros. Atividades que deem condições para a criança se desenvolver e despertar o interesse pelo conhecimento; também é necessário que o/a professor/a crie contexto que oportunize a criança e assim dar continuidade ao ensino aprendizagem por meio da cultura, ou seja, pelo meio cultural o qual a criança está inserida e faz parte de seu cotidiano”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como perguntado anteriormente: afinal, como se trabalhar as relações étnico-raciais na educação infantil? A obra “HACABA” procura responder isso apresentando dois projetos que são: o Projeto Capoeira e o Projeto Griô. Ambos os projetos abordam uma gama de atividades para serem trabalhadas na educação infantil. O Projeto Capoeira trabalha com a construção da personalidade do aluno, respeito às regras, coordenação motora,



Volume 15, número 1, ano 2019.

equilíbrio, linguagem oral, tempo e espaço e a história da cultura africana e afro-brasileira. O professor de educação infantil pode explorar recursos como músicas, danças, incentiva a união e respeito ao próximo. Por outro lado, o Projeto Griô deve ser trabalhado na educação infantil de forma oral e lúdica, pois os Griôs são culturalmente conhecidos por sua oralidade e suas artes. Por conseguinte, abre espaço para o professor explorar a criatividade por meio das contação de histórias, músicas e artes. Portanto, a obra “HACABA”, apresenta alternativas que se for trabalhado na educação infantil, contribuirá para a formação de adultos conscientes das adversidades étnico-raciais.

Nesse contexto, a obra se reconhece que há um processo histórico e social de conquistas e reivindicações dos negros. Foram anos e anos para se conquistar o direito de ensinar acerca da história africana em sala de aula e os elementos da cultura afro-brasileira. Percebemos, assim, que tais conquistas foram resultados de um longo processo de luta no Brasil, pois “Essa trajetória de luta encontra lugar no direito à educação no início dos anos 2000. Em 2003, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou uma lei que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (MEC, 2014, p.13). Sem dúvida, tal lei foi de grande valia para o desenvolvimento e crescimento do país nas relações étnico-raciais.

Para além do aspecto legal, o mais importante no reconhecimento da população negra nos diversos aspectos da formação social e cultural brasileira é, em primeiro lugar, a afirmação e a positivação da sua identidade. Em outras palavras, é fundamental que a cultura africana e afro-brasileira seja vista positivamente e não como algo inferior. Não se trata de discriminar os brancos para enaltecer, no fim de tudo, os negros e sua cultura. Pelo contrário, a ideia central na discussão das relações étnico-raciais é tratar qualquer tipo de cultura de maneira igualitária. Nesse ponto, a educação formal assume um lugar de destaque no combate ao preconceito e nos convidar a iniciar tal processo na educação infantil e não somente nas universidades.

Depois da análise do projeto a “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil”, fica claro que tal proposta contribui significativamente para ensinar na educação infantil a cultura africana e afro-brasileira a partir da oralidade e da corporeidade.



Volume 15, número 1, ano 2019.

No entanto, o projeto por si só é insuficiente para dar conta de uma demanda tão grande: o combate ao preconceito. Mesmo assim, a pedra de toque do respectivo projeto foi de mostrar que o preconceito não é “coisa de adulto” e que, diante disso, é necessário introduzir noções de respeito e diversidade cultural na educação infantil. Portanto, a obra “HACABA” tem o seu principal trunfo nesse aspecto, pois nos leva a considerar que a discussão das relações étnico-raciais não pode ficar restrita à universidade ou a livros de especialistas. É necessário que tal debate adentre a sala de aula da educação infantil e promova atitudes de valorização da diversidade cultural. Sem uma discussão sólida na “primeira infância” dificilmente tal tema terá efetividade na universidade ou mesmo no ensino médio. Portanto, percebemos com a investigação que, para além dos espaços consagrados do saber formal – a academia e as obras de especialistas – é fundamental que a educação infantil contemple tal temática.

Desse modo, combater o racismo na sociedade brasileira passa, sem dúvida, pelas instituições de educação infantil. Portanto, desenvolver ali um espaço de diversidade étnico-racial e valorização das diferenças culturais é, entre outras formas, um mecanismo essencial na discussão das relações étnico-raciais. Para tanto, a pesquisa nos levou a compreender que as crianças – e não somente os adultos – são sujeitos sociais que participam ativamente da cultura e da história e que é na educação infantil que os professores podem trabalhar os primeiros conceitos das relações étnico-raciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rosângela Costa. Capoeira é tudo o que a boca come. In: FREITAS, Joseania Miranada. **Uma coleção biográfica. Os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no museu afro-brasileiro da UFBA**. EDUFBA: Salvador, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

BRASIL, **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.



Volume 15, número 1, ano 2019.

BRASIL, **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, 2003 http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf .

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio da escola: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. Ed.- São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. CABRAL, Camila Silva. Entre a luz e a escuridão: considerações sobre o Iluminismo e a instrução das mulheres. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 200, Ano17, Janeiro/2018, Maringá-Paraná, p.140-152. Disponível em:<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/39512/21534>. Acesso em: 16/01/2018.

SOARES, Patrícia da Silva. Tecnologias e saberes africanos. IN: MORAES, C.C. P. OLIVEIRA, L. F. **Curso de extensão em educação quilombola**. Goiânia: FUNAPE, 2013.

SILVA, Eronildoda. Lei nº.10.639/2003: Perspectivas e possibilidades de aplicação na escola. IN: COSTA; L.G. **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da Educação sobre relações étnico-raciais**. Maringá: Eduem, 2010.

PRAXEDES, Walter Lúcio de Alencar. A questão racial e a superação do eurocentrismo na educação escolar. IN: COSTA, Luciano Gonsalves. **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da educação sobre relações étnico-raciais**. Maringá – Paraná: Eduem, 2010.

VERRANGIA, Douglas. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidade, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. **Revista de Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.3, p. 705-718, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a04.pdf>. Acesso em: 20/09/2017